

## FADINHA

XIII

Não se enganava o doutor: era a variola.

Fadinha passou a quelle dia angustiada, queixando-se de muitas dores, com o rosto enrubescido, tendo frequentes náuseas e vomitos, e na manhã seguinte todo o seu corpo estava salpicado de pequeninos pontos vermelhos, que se desenvolveram durante quatro dias, transformando-se em horribes pustulas, cheias de um fluido amarello, rodeadas por um circulo negro.

A peregrina belleza da noiva desapareceu sob uma crosta repugnante e fetida.

Quando começou o periodo suppurativo, a doente já estava abandonada por todos, menos por D. Firmina, que se sacrificou, digamol-o, não por piedade materna, mas para guardar as conveniências e fingir sentimentos que não tinha.

O rapazes, esses foram os primeiros a fugir, e durante a molestia não houve noticia de nenhum dos tres no Engenho-Novo.

O barão de Moreira, logo que soube, pelo medico, da gravidade do caso, pois que se tratava, effectivamente, da peor especie de variola — a variola a negra, — nunca mais lá foi.

O Alexandre sentiu, pela maneira secca por que o patrão começou de então em diante a tratá-lo, que o casamento estava desfeito, e com elle toda a fortuna sonhada pela familia.

Vencendo a tibieza de caracter, teve o caixeiro uma explicação com o ex-luturo cunhado, e este, em termos que não admittiam replica, allegou brutalmente a visível paixão de Fadinha por outro homem. Vieram á bulha aquellas fatidicas palavras: «Remigio!... meu Remigio!...» pronunciadas no delirio da febre.

A posição esquerda em que o desventurado Alexandre ficou em casa do barão, onde perdera todas as sympathias e era apenas sustentado pela influencia indirecta da irmã, os sarcasmos, os risinhos mal disfarçados do pessoal do armazem e do escriptorio, deram com elle na rua, não obstante os generosos esforços que fez, para evitar o, a outro patrão, o sr. Motta, alma compassiva e boa, cuja bandeira de misericordia debalde tentou cubrir o ambicioso rapaz.

O proprio Pimenta desviou o rosto á primeira vez que encontrou o Alexandre depois que este sahio da casa do barão, e nunca mais lhe fallou.

D. Firmina ficou á cabeceira da enferma, sem outra pessoa senão uma viuva da vizinhança, amiga dedicada de Fadinha, muito boa senhora, a mesma que recebia e transmittia mysteriosamente a correspondencia de Remigio, e punha, epistolamente, o amanuense ao facto de tudo quanto se passava no Engenho-Novo.

Quando essa amiga lhe mandou dizer que Fadinha estava com bexigas, e que o caso era grave, Remigio ficou allicto, sobresaltado, desesperado; quando elle soube que o barão de Moreira não visitava a noiva, que os rapazes não appareciam em casa da mãe, e que esta, constringida a não abandonar o seu posto, chegava a ponto de maldizer a filha, não pensou em mais nada e, aconselhado unicamente pelo seu amor, correu para junto da enferma.

(Conclue.)

A. A.

## NINON DE LENCLOS

escarnes da ruga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservava-se jovem e bella, atirando sempre os pedregallos da sua certidão de baptismo que rasgava á carão Tenipio, cuja foice ambotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho tabacento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiou a quem quer que fosse das pessoas daquelle epocha, descobrio-o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECOCQ, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.** Esta casa tem no 4 disposição das novas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

## DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

## Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alterá-la.

## LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos colleccionados e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contem-se:

## LA POUDRE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural existente em 12 cores;

## SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrassa e brunha as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

## LA PATE ET LA POUDRE MANOERMALE DE NINON

para ahuar, alvura brilhante das unhas, etc., etc.

Cavem exigir e verifiquem o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE  
E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, acastanha a epiderme, impede a destruição das frías e as rachas.

**UM NARIZ PICADO** da pequena borbullia ou com cravos torva a recuperar a sua brancura primitiva a suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES  
**Para ser bella, encantar todos, o rosto deve servir da Fleur de Pêche** pó da arroz feito com fructos exóticos.

## POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer a cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

## NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes entoados, sobre os e branqueios com o **Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout  
DELANGRENIER

## Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel



O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

## Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira  
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

## L.T. PIVER

PARIS

## Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

## Le Trèfle Incarnat

Parfume de Moda

## Rosiris

## Senteur des Prairies

## Violettes de Parme

## Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA e ELIXIR

## CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisíveis

Gracias ao novo modo porque se empregam estes pós communemem ao rosto uma ultravilhosidade e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Além dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convier ao rosto.

## PATE AGNEL

Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro, Irritações e Comichões tornando-a apelludada; pelo que ressecta as mãos, dá saldez e transparencia ás rohas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,  
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

En 29 suas seri Casas de venda por mundo nos bairros mais ricos de Paris.

## HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

## AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.  
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moika, Muguet, Chillet Reine, Impérial Russe, Lilas blanc, Héliotrope blanc, Fougère Royale, Glozima, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rococo.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lail de Thirade, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

# Parodia

(A' AMELIA A. PEREIRA DA COSTA)

Quando eu morrer não quero em minha campa  
Lindas, mimosas, pequeninas flores;  
Doitem dormir o somno derradeiro  
Quem na vida somente teve dores.

Dispensio funeraes pompas na morte;  
Quero ser a mais simples creatura;  
Peço apenas e peço humildemente  
Uma cruz sobre a minha sepultura...

Não quero junto a mim falsos affectos.  
Sómente o pranto triste da amizade;  
E que enfeite somente o meu jazigo  
Uma simples e pobre saudade.

Eu sinto que me foge a triste vida,  
Eu sinto-me tristonho fenecer;  
Não sei que voz occulta me segreda  
Que cedo, muito cedo, hei de morrer...

E tu mesma a quem amo eternamente  
Se me visses na campa já tombado  
Talvez que, chorosa, assim disseses:  
•Eil-o morto... findou se o desgraçado.

HENRIQUE C. M. WILDBLAGEN.

Rio, 20 de novembro de 1890.

# O INFORTUNIO

O viver tormentoso que tiveram, presos sempre por uma ultima esperança, exvaio-se emfim como subtil perfume...

Sempre que a luz de novo dia penetrava pelas frestas das janellas rudes, no interior da triste habitação, mais um queixame lhe fugia d'alma espedaçada, mais uma lagrima saudosa aconuviava-lhe o limpido céo dos olhos tumidos! E ao vêr o, sol tão poetico e brilhante dourar-lhe a lugubre mansard, recordavase das quinze primaveras que tivera alegres, como um brando sorriso...



A TOCADORA DE VIOLINO

Se fitava o céo tranquillo atufado de pequeninas nuvens roseas, sentia voltar-lhe á mente, em revoadas gentil, os sonhos pueris que lhe occularam a fronte; sonhos cheios de amor e de innocencia, de crenças e de saudades...

Se fitava o mar, o enorme e profundo espelho liquido, via reflectirem-se nelle todo o seu passado e presente, as alegrias de hontem e as magoas de hoje; as ternas illusões que lhe encheram a cabecinha loura, subjugadas pelo desengano... E, sempre que as ondas, uma após outra, elevavam o dorso espuneo

para se espedaçarem na areia alvissima da praia, um espectro horrivel enchia a sua imaginação ardente, apontando-lhe a queda altiva que tivera...

E chorava, chorava por amor, chorava pelo es-



A MULHER DO ARTISTA

poso que a idolotrava, embora visse a miseria estendolhe os braços esqueléticos, embora a morte esarnecesse d'elles...

E enquanto ella, triste e pensativa, desfazia com as pontas dos rosados dedos as migalhas do pão da ceia miserriima que tiveram, o esposo frio e taciturno com a face apoiada na palma da mão callisa, buscava descobrir o meio de furtal a fome que a ameaçava!

Mas, todos os seus calculos eram errados; fugiam-lhe os ultimos recursos e sempre as cruéis difficuldades oppunham se ás emprezas que tentava...

Sonho ou realidade, elle sentia roçar lhe o corpo as azas da desgraça e ferir lhe os ouvidos o pio funebre de um córvo — o desalento!... Supplicio atroz que as almas puras dilacera, fantasma hediondo que põe no coração o despeito e o rancor — deu-lhe um beijo fatal o fero desengano.

Fugio-lhe a ultima esperança e no abysmo de sua alma não mais brilhou a estrella vesper, o guia do viajor errante... Treva profunda envolvia-lhe a imaginação sempre que os seus labios assomava um sorriso que era feito de dor ou uma emdeiva saudosa nascida do desespero!

Mas ainda assim, nunca a esposa ouviu-lhe uma recriminação; nunca o tédio ponde substituir o seu primeiro affecto... e as lagrimas uniam se-lhe nas faces atugueadas quando, enlaçando-a pela cintura debil, depunha em sua fronte para o beijo casto do immenso amor que lhe votava...

E mais apaixonados, mais firmes, sentindo se outros, resolutos, cheios de mascula abnegação, jogavam-se á lide insana, enlaendo de novo a alma na finissima teia de uma esperança futil.

Mas nunca, não conseguiram nunca realisar os seus intentos; nunca sorriolhes uma branda aurora, nunca uma restea de luz illuminau as suas almas tristes.

Houve um dia, porém, em que o infortunio teve

piedade delles, mas — oh suprema felicidade humana! — nesse mesmo dia entrou-lhes em casa a morte!...

R. S.

# LICÇÃO

(E. de la Barra)

Vi uma joven meiga e sensitiva,  
Feroçissimo leão domar sorrindo,  
Tu foste um gato dominar alveia,  
E o gato te arranhou o rosto lino,  
Tu empregaste a boça que subleava,  
E ella o carinho que seduz e enleava.

Conhece as tuas armas  
Debil mulher, e excita o coração  
Nascido para serva  
O amor como rainha te conserva;  
Conhece as tuas armas,  
Chora e sorri que domaras o leão.

OSCAR D'AVILA.

Rio, 1 de Novembro de 1900.

# Crème de flor de laranja

Ferva se 1/2 litro de leite com 80 grammas de assucar; deixe-se esfriar um pouco; fentem se 3 gemmas de ovos e um ovo inteiro batido com uma ou duas colheres de agua de flor de laranja, misture se bem tudo e termine se como de costume.

Para servir este crème em botões pequenos, devem cozer-se em banho-maria. Pode-se substituir a agua de flor de laranja, por flor de laranja em pó ou baunilha. As gemmas de ovos sem as claras produzirão um verdadeiro crème liquido que deverá cozer algum tempo mais do que aquelle que levar as claras.

# Reflexão

A' E. MA. SRA. D. MARIA LOUO

Morreu! E o que é morrer? Acaso a morte Almas que Amor prendeu desprende um dia?

Deus—fonte de piedade e de harmonia Filhos pôde entregar ao nada e á sorte?

Não! Não! O exito é provação do fonte...

Deve ás almas causar doce alegria;

Si mal parece, nelle a razão fria

Acha o bem, o resgate, a luz, o Norte.

Morreu... ventura é Deus aprontou

No soffimento a terreal feitura

Que inconsolavel Mãe pranteia e chora...

Tu—alma boa, illumina e pura

Tu já sabes que a morte, nos melhora

E—Deus—é o fim de toda a creatura.

A. A. AMOR.

Niteroy, 1901.

# Viver do azul

No fundo azul do céo que tens nos olhos castos, vive ainda immersa a esperança, como vive em minh'alma um febreo...



SOBRE A MORTE DE SADI CARNOT

...vil das negras conjecturas, recenamos por arrimo o braço do infortunio e por parte a tumensidão do nada...

Por isso, tu que és tão bella ainda, deixes pender a cabecinha loura e aminhas no alme recondito do coração subline o desanimo e a saudade!

Sacode de tua alma o inverno da descrença e

deixa sorrir estes labios que recordam a cor e a maciez do cardo, enquanto meu pensamento tendo prezas as azas brancas nas finissimas teias de teus cabellos louras, compõe essa endeixa apaixonada e pura como os teus olhos, que lembram um cêo sorrindo na benção!

Não fosse a vila esse perenne soffrer que sabes hoje, esse accumuldo de magoas que a alma dilaceram; não tivesse ella gosos e desventuras, realidades e illusões e ás vezes a compensação de grandes dissabores e o que sena esta vida?... Como poderia julgar de ti, se te não visse soffrir tanto, esplendida vestal!...

O que traduziriam essas lagrimas de fogo, murmuros cristaes cahidos dessas fontes limpidas — os teus olhos — que me exalham o coração? Nada! abso lutamente nada!...

E choras, e tremes, quando em teus labios existem os sorrisos, — essas armas terríveis, capazes de fazer cahir a teus pés todos os soffrimentos e todas as horrores! Eorme poema que encerra em si as grandes sublimidades da vida; que nasce da dôr ou da ventura, mas que vive sempre terno, como o despontar da aurora!

Podesses tu sondar-me o coração sombrio como as frias abobadas de um claustro, mirrado pelo desalento e submisso á crueldade da sorte! Podesses tu conhecer todo o segredo desta existencia que te dei, conduzida pelos meus suspiros e presa pela innocencia dos teus beijos de fogo e então ditas si é possível morrer quando se ama!...

Assim, gosenos o que tu chamas um infortúnio, disfructem da vida passageira, o prazer e as magoas! Que venham sonhos de puro amor afogar nos, enquanto os nossos beijos ardentes não se extinguem de vez.

Que viva sob o azul do céo que tem nos olhos castos, onde scintilla a esperança, este que me vive na alma — fulgido sorriso,

A. L.

### MOSAICO

A logica da creanças muitas vezes deixa pasmas as pessoas de idade:

— Paezinho, diz, quem faz chover?

— Deus, meu filho.

— Ah! e para que?

— Para que brotem as legumes, as fructas, as flores.

— Então por que chove no pátio?

O pae enluta e cida.

Passados poucos dias era sotta feira da Páscoa e chovia a pites. Estavam enluta as egreja.

— Diga me papae quem morreu!

— Deus, meu filho.

— E como pôde elle então fazer chover?  
Pela segunda cala se o pae, sem saber o que responder.



O dono da casa queria que o quadro ficasse deplendurado á direita, a dona empenhava se para que ficasse antes á esquerda. Finalmente manda quem pôde que se colloque onde elle disse. Chega o José e entera um prego á direita, porém logo em seguida entera outro á esquerda.

— Para que serve este segundo prego, José diz o amo.

— E' para não ter que voltar com a escada... amanhã... quando o patrão fôr da opinião da patrão.



— Filho querido, não sabes quanto foi o meu prazer, o mez passado, vendo que tinhas tirado a primei-



SALA DE BILHAR DO CLUB DAS SENHORAS EM VIENNA

ra nota no collegio. Este mez porém baixaste.

— Veja, mãe-minha, foi para que outra mãe tivesse o mesmo prazer por sua vez.



— O teu maninho que morreu, Nêê, foi mais um anjo que subiu para a gloria.

— De modo mamãe, que quando Nosso Senhor precisa de anjos, não tem mais que escrever ao Dr. F'?



O juiz dos casamentos. Lembrat-vos que o esposo deve protecção a sua esposa e que esta tem de seguir o seu marido onde quer que vá.

A noiva. Sr. juiz não se poder modificar um pouco isso. olhe que meu marido é carteiro.



### Animaes electricos

Entre os animaes que voluntariamente têm o poder de concentrar e descarregar a electricidade, distinguem se como mais notaves os peixes denominados *torpilha* ou *torpedo* (arrara que se encontra nas costas francezas do departamento de Vendea), o *siluro* ou *malapteruro* (especie de enguia do Nilo) e o *gymnoto*, especie tambem de grande enguia, que abunda principalmente nas lagoas mirnas de Matto Grosso e Goyaz, chegando a ter d'um metros de comprimento.

O gymnoto usa da electricidade como meio de defesa contra quem o persegue e tambem como meio de ataque para de longe matar os pequenos peixes de que se nutre.

Tão grande é o poder das suas descargas que a anta, o touro, o cavallo, que vão beber nas lagoas em que o gymnoto habita, cahem por terra, e, quando o animal é menor, como um camoteiro, um veado, uma novilha, tomba como si fosse morto por um raio.



### PANICO DOS ANIMAES

A surpreza causada pelo apparecimento de um objecto desconhecido degenera rapidamente em terror sobre tudo no cavallo. Tal emoção é eminentemente contagiosa, e quando os animaes estão reunidos em grande numero em um espaço limitado, os movimentos de terror praticados por um delles, soa a influencia de uma causa evidente, são na maioria dos casos imitados pelos vizinhos e esta agitação se transmite assim de um a outro.

Ve-se então, ás vezes, um esquadrao inteiro, todo um regimento e mesmo mais, agitar se por se em de ordem; um rebanho completo deitar a fugir, todos os animaes de um campo de feira partir tambem loucamente, desorientados, se deitando depois de percorrer enorme distancias, sem que haja eslorço que os possa conter.

Decix, Benjamin, Leçõs, (Soc. Cien. de med., veterinaria, 1870); Delorme, (Ist. de med. vet., 1871); Hughes, (Lancet, 1882) tornaram conhecidos casos muito notaveis desse terror e panico.

O cavallo, de todos os animaes de trabalho, é o mais sujeito ao terror. Na raça pura principalmente, é o cavallo eminentemente impressionavel; o proprio de seu temperamento e tender com maxima facilidade tanto o sereno como, se assim se pode dizer, a noção de perturbacão de que não possivel, entretanto, ao menor susto, abandonar a sua marcha regular para fugir a campo libertario, mostrando themas algumas vezes, por sua vez o estorço, que se chama *chance d'elle*.

### O PRODIGE

O prodige está na creença da existencia da vida em creencia de huns e outros e huns e outros a direita da acção do homem sobre as coisas. — José Creyler.



NOVO ESTABELECIMENTO DE CAMPO, PARA EDUCACAO DE MOÇAS NO STOLPERHIL EM POTSDAM



## O companheiro do cego

CONTO PARABOLICO

1

O dia amanheceria brumoso, e uma insistente chuvinha, como que peneirada da massa cinzenta das nuvens compactas, que fechavam completamente o espaço superior do círculo das cordilheiras que cercam a zona geographica em que está situada a cidade, tinha, no correr do dia, empapado de lama as ruas, e dado à atmosfera uma temperatura humida, que, sem ser gelida, nem por isso era menos incommodativa.

Cerca de dez horas da noite, um pobre velho cego caminhava frouto ao longo de uma rua suburbana, tactando com uma rustica bengala na mão direita o chão que ia pisando, e com a esquerda palpando a parede das casas para seguir direito ao porto a que se dirigia.

Chegado a certo lugar da rua, sentindo que a bengala não era no quer que fosse que lhe tomava o caminho, couvou-se um pouco a tactear com o mão esquerda, e, pelo tacto, verificou que era um corpo humano que alli estava accorado na seieira de uma porta, com a roupa molhada e trinado de frio.

— Quem é que está aqui a tomar o caminho? interrogou.

Uma voz debil e tremula, de accento quasi infantil respondeu:

— Sou eu, o Grato.

O cego, assim instruido de que era o pequeno garoto vagabundo que, ás vezes, o baiaiva e lhe puchava irracionalmente pela roupa, nem sequer se lembrando dessas parruças, mas só obedecendo a um generoso impulso de humanidade, tornou a interrogar.

— Que fazes tu aqui a esta hora, com este mão tempo, e assim molhado e resfriado? Porque não te recolhes a tua casa, que já não é mais hora de vadiar?

— Eu não tenho casa, disse o pequeno apertando mais os braços, que tinha crusados, e com uma tremura de frio.

— Não tens casa! Então onde é que habitas... ue passas as noites?

— Por ahí... por qualquer canto onde me possa metter ou abrigar...

— Mas a tua familia?

— Eu não tenho familia!... Sei lá quem é a minha familia! Desque vim para esta terra, não conheci mais familia... parentes, ninguém que olhe por mim!...

— Coitado? exclamou o cego com sincero sentimento de commiserção, e continuou:

— E de onde foi que tu vieste?

— Lá de longe... de um lugar que já me não lembra, porque vim pequeno... de seis annos.

E como o frio e a fraqueza que estava sentindo o obrigavam a fazer esforço para fallar, querendo pôr um termo ao interrogatorio do cego, voltou-lhe com enfado, encolhendo as pernas para facilitar-lhe a passagem:

— Mas vá seguindo!... vá seguindo!... não me amole, que me custa estar a responder-lhe, pois estou com muito frio... e com fome!...

— Com fome!... Pois não comeste hoje?

— Nada!... nem uma bucha de pão?...

— Ob pobre rapaz! tornou a exclamar, com mais dôr ainda, o compadecido velho, E, com um modo de generosidade e resoluta intimativa, puchando-o pela parte superior do braço que lhe ficou ao alcance da mão, disse-lhe:

— Pois vem commigo! Eu te darei de comer e abrigo para esta noite. Levanta-te!... anda!

Ouvindo tal promessa, o pequeno garoto não hesitou. Levantou-se, segurou a mão que o velho lhe offerecia e indagou:

— Para onde me leva?

— Para minha casa

— Pois voce me cê tem casa!! perguntou admirado o rapazote vagabundo.

— Tenho... vaes ver!! Ajuda-me a andar mais depressa.

Guiado pela vista de Grato, o cego poz-se a andar mais com affoiteza, seguiu até ao fim da rua, e d'ella para outra que pelo tino conhecia, chegando, finalmente, a um velho pardião abandonado, que ficava ao canto de um terreno baldio.

Entrando ahí por uma porta, que abriu por um meio, do qual só elle conhecia o segredo, foi, sempre pelo tino, directo a um lugar onde tinha com que fazer luz, e não tardou em pôr diante do seu hospede uma candeia de kerossim, accessa.

Assim illuminada a casa, pôde Grato ver que se achava em um quarto de regular tamanho, unico e humpartimento habitavel de um prédio abandonado em ruina.

Per molhada havia ali uma velha cama de ferro com o lão, mas com uma esteira sobre tiz taboas paralellas que lhe cobriam o xadrez de ferro enfiado; um velho camapé de assento de madeira, um pequeno mesa um tanto desconjunctada encostada à

parede e um pote de barro com agua, cuja estreita bocca era tampada por uma lata que fóra de banha, e servia de bebedouro.

— Aqui está a minha casa, disse em tom de jovial satisfação o velho cego. Vaes dormir hoje aqui na minha companhia, e não soffrerás tanto frio como lá fóra pelas ruas.

E tirando o alfoje, que trazia a tiracolo, accrescentou solicito:

— E como estás com fome, vou repartir commigo este pote e este bocado de carne, que uma benfiteira me deu agora de noite para eu jantar.

Sentando-se, então, no camapé tirou do alfoje o pão e o pedaço de carne, e os repartiu com o pequeno garoto, que, sentado a seu lado, devorou com avidéz a parte que recebeu.

Assim confortados, tendo bebido agua do pote pela lata que o tampava, o pequeno começou a bocejar com muito boa disposição para dormir.

— Estás com esta roupa molhada pela chuva, disse o bom velho com pesar, palpando o seu hospede. E não tenho outra que te dá para a mudares!

— Não faz falta, respondeu Grato, e com voz mais timbrada e firme. Dormirei assim mesmo, que me não faz mal: já estou acostumado.

E foi se estendendo sobre o camapé ao vér que o cego se dirigia para a cama de ferro, e não tardou em fechar os olhos e a resonar.

Quando assim o sentiu adormecido, o velho cego soprou a candeia que estava sobre a mesa á cabeceira da cama, e a treva da noite os envolveu na sua escuridão.

## II

Quando, ao amanhecer do dia seguinte, os primeiros raios do sol entravam pelas fendas da parede gretada do pardião do cego, e o rumor externo de carruagens e mais vehiculos que se movimentavam na sua visinhança o advertio que já era dia, o bom velho levantou-se e foi, apalpando, verificar se o seu hospede ainda dormia.

O tactear do cego sobre o seu rosto despertou Grato, que, abrindo os olhos e vendo junto de si o seu hospedeiro, ergueu o tronco ficando sentado no camapé e murmurou ainda um tanto estremunhado:

— Bom dia, tio Antonio.

— Bom dia, pequeno. Então, dormiste bem?

— Ora! nem se pergunta! respondeu o vagabundo espreguichando se satisfeito. Aqui... agasalhado neste quarto... sem o sereno da noite e o orvalho da madrugada... Que bom!

— E a tua roupa... já está enchuta? accrescentou carinhosamente o cego apalpando-lhe as mangas e as frentes do paletot de casimira desbotada que o pequeno vestia—dávada de um carroceiro da Limpeza Pública, que o apanhara no lixo de um colégio.

— Como se tivesse ficado um dia inteiro ao sol!... E' sempre assim! Quando eu me deito e durmo com a roupa molhada, acordo com ella secca desta maneira.

— E não ficas doente?

— Qual d'ente! Eu já estou acostumado.

— Bem, bem, meu rapaz; és creança... tens o sangue quente... Depois... a Providencia, que dá sempre o frio conforme a roupa! Oh! a Providencia! a Providencia Divina!... Como ella é justa! Como é misericordiosa!... O que seria de mim, sem ella!

— O que é que ella lhe dá, tio Antonio? interrogou em tom de insipiente chasco o garoto.

— Dá-me mais do que eu mereço, meu filho! disse em profunda e humilde convicção o piedoso cego. Dá-me saúde... dá-me resignação na minha cegueira, e nunca me faltou com o pão de cada dia.

— Então voce me cê tem sempre que comer?

— Graças á caridade que ella desperta no coração dos que me favorecem pelo amor de Deus. Mas isto é o menos... Muito mais e o thesouro que ella me concedeu, e que vale mais que todas as riquezas e grandezas do mundo!

— E que é d'elle?... Aonde está, inquiriu o garoto lançando um olhar indagador para os quatro cantos do quarto.

— Está aqui! informou o bom velho pondo as mãos sobre o peito. Está aqui dentro do meu coração, limpo de todos os máis sentimentos! está na paz da minha alma!

— Ora! muxou o rapaz em um tom, que o cego bem interpretou, porque accrescentou:

— Tu não comprehendes isto! E'á ainda um insipiente... Que edade tens, tu?

— Doze para treze annos, penso eu.

— E's uma creança!... Não sabes nada! talvez até nem saibas ler.

— Mas conheço todas as letras... até as de conta.

— Mas não sabes juntar-as... fumar n'os...

— Sou muito capaz de saber se houver quem me explique... quem me ensine.

— Ah! certamente!... se tens boa vontade... Com boa vontade tudo se consegue... Pois...

— Porém o que

— Já que estás aqui, vamos tomar café com um bocadinho de pão. Apesar de o dia de hontem ter sido chuvoso, se pre encontrei quem me favorecesse com alguns vintens.

E mettendo a mão no bolso tirou d'elle algumas moedas de cobre e poz-se a contar-as.

Grato, com olhar avido, acompanhava a contagem das moedas, enumerando as á medida que ellas iam passando de uma para a outra mão do cego.

Tendo contado até quinze, exclamou:

— Tres tostões!

— T'ra-os lá, disse o tio Antonio, entregando-lhas. Vae ao kiosque comprar dous tostões de café, e á padaria um pão de tostão. Comeremos metade cada um.

Ogaroto, apanhando o dinheiro, deu um salto para e meio do quarto e foi tomar a lata que tampava o pote da agua.

O cego, indo tirar da gaveta da mesa uma outra lata semelhante, ia para fallar, mas o rapaz exclamou:

— Ah! tem outra! Assim separado é melhor! Com prando junto, o homem do kiosque sempre dá menos.

— Como outra! admirou o cego. Qual é a outra?

— E' a de beber agua, que eu já tenho aqui na mão.

— Então vaes comprar café n'ella!

— Não faz mal... lava se depois bem lavada!

E, dirigindo-se para a porta, sahio correndo.

Quando comprehendeu que estava só, o piedoso cego sentou-se em dos cantos do camapé recostando se n'elle, cruzou as mãos abertas sobre o peito, baixou a fronte como se a curvasse diante de objecto da maior veneração e ficou em profunha concentração por todo o tempo que se sentio a só.

D'este estado veio arrancar o o garoto ao cabo de um quarto de hora, mais ou menos, entrando a assobiar alegremente, com uma lata meitada de café em cada mão, e o pão, embrulhado em um pedaço de jornal, debaixo do braço.

— Prompto, tio Antonio! brandou elle pondo as latas e o pão sobre a mesa.

E voltando-se para o cego, accrescentou:

— Toca a almoçar!

O velho levantou-se, foi a mesa, desembulhou o pão que o rapaz lhe metto na mão, e partindo-o pelo meio, deu a Grato uma das metades.

E entretanto que o pequeno vagabundo, com manifesta satisfação, em pé junto da mesa formando com as pernas um 4, ia molhando no café e comendo a sua parte do pão; o cego, sentado na sua cama de ferro, mastigava silenciosamente aos poucos o seu pedaço, humedecendo o com frequentes goles do conteúdo na lata que na mão sustentava.

## III

A delicia com que o faminto garoto saboreava o pão molhado no café que a caridade do pauperrimo cego lhe proporcionava, dilatou-lhe a alma n'uma expansão de franqueza agradecida, e por isso, sem interromper a comestiva, articulou:

— Tio Antonio, vou-lhe confessar uma cousa.

— Falla, meu filho, disse affectuosamente o cego.

— Quando eu sahi com os tres tostões que voce me cê deu para comprar o café e o pão, eu... quasi que estive para fugir com o dinheiro e não voltar mais!

— Ob!... exclamou o velho com lastimosa admiração.

— Estive, mas... pensei um pouco... e... achei que era melhor não fugir e trazer o pão e o café para tomarmos juntos.

— Fizeste bem! approvou o bondoso cego em tom de compassiva satisfação. Não é por mim que te applaudo por teres voltado, mas por ti, pobre insipiente! Se tivesses fugido, privar-me-hias, é certo, d'esta pobre refeição; mas isso era o menos. O peor seria tu ficares privado, por imposição da tua propria consciencia, de a mim recorrerés quando de mim tivesses necessidade para te socorrer no que eu podesse, porque pensarias lá na tua erronea comprehensão que eu te repelliria incardiosamente.

— Não foi por isso, não, tio Antonio; foi cá por uma cousa que eu lhe quero propor.

— O que é?

— E' ficar aqui morando na sua companhia.

— Mas... morando, como? Vires aqui dormir todas as noites?

— Sim, senhor; e andar de dia com voce me cê a guita, pelas ruas, e comer do que voce me cê comesse.

— Pois tu queres ser companheiro de um cego, que vive da caridade de algumas almas bem-lizeiras? interrogou admirado o cego.

— Sempre é melhor, explicou o garoto, do que andar por ahí á tola!... a garotagem... sem ter onde comer nem onde dormir!... assim, com um cão sem dono.

— Isso é! E' assim pensando, pensa bem! E' sempre melhor fazer alguma cousa atil... e boa!

É essa de queres guiar e acompanhar a vida de um pobre cego, é uma obra de caridade que só pode praticar quem tem bom coração.

E como este pensamento hastante o commovesse, o tio Antonio calou-se para domiar a commoção que quasi lhe ia fazendo tremar a voz.

Vendo-o calado, o pequeno varabundo interroga:

— Então, aceita?

O cego hesitou em responder.

Na sua consciencia debata-se o quer que fosse de escrupuloso que o tollia de decidir-se pela accettazione ou recusa da proposta que lhe era feita.

Não comprehendendo a causa d'esse silencio, o garoto poz-lhe a mão no hombro e, sacudindo-o, insistiu:

— Então, não responde? Quer ou não quer que eu seja seu companheiro?

Ainda irresoluto, o tio Antonio respondeu:

— Olha, meu filho; se eu fosse, como o geral dos homens, um egoista, pensando somente na minha conveniencia, não hesitaria em aceitar o teu offercimento. Mas pendero a responsabilidade que me cabe de tomar-te à minha conta para uma função que de alguma forma te pode inutilisar, ou pelo menos incompatibilisar para qualquer profissão lucrativa que por ventura o acaso te deparar para assegurar-te um bom futuro.

É's uma creanga abandonada, vivendo ao Deus dará por essas ruas, fazendo garotices e essas mesmas garotices te podem abrir a porta a uma carreira que só Deus pode prever donde te levará! pois, apunhado pela policia, poderias ser mandado para um asylo, um estabelecimento publico de educação e instrução no qual poderias adquirir um desenvolvimento intellectual e moral que te torne um homem útil... e que sei eu!

Dedicando-te porém, a caridosa função de companheiro de um cego indigente, a policia te deixara commigo em paz, e qual p'dera então, ser o teu futuro?

Aproveitando a tua boa vontade de aprender, e o conhecimento que dizes já ter do alfabeto e dos algarismos, eu, não obstante ser cego, poderei ensinar-te a ler e escrever e contar, instruir-te no que tenho aprendido na minha experiencia da minha avariedade e no conhecimento das verdades que adquire na leitura do Evangelho quando anda eu tuos olhos que viam, e assim poderei moralisar-te e habituar-te para seres um homem bom; mas sem uma profissão lucrativa que te assegure um futuro. Devo ainda ponderar-te que a circumstancia de ficares conhecido como companheiro de um cego mendigo é, em presença dos perconceitos que a sociedade acata, uma pecha que te incompatibilisar para qualquer aspiração que ambicionas.

Em conclusão: além do parco alimeato que a minha pobreza te podera repartir, e do acasalho deste pardiheiro que a caridade da sua proprietaria por esmola me concede, eu só poderei dar a tua alma vivente luz e paz de consciencia, se bem aproveitares a semente que a dedicacão da minha boa vontade n'ella lançou. Mas não te posso dar nem prometter. Pensa, por tanto, bem em tudo quanto com toda a sinceridade e isenção de egoismo te declaro, e, depois de bem reflectires resolve tu mesmo se ficas ou não commigo.

— E se eu ficar, propoz com vivacidade o rapaz, o tio Antonio da-me sempre de comer e aquella camajé para eu dormir?

— O camajé será sempre o teu leito toda a vez que aqui quizeres ficar, e a comida que eu viver será firmamente repartida commigo.

— E roupa, e verdade! e roupa para eu vestir quando esta ficar rota e não prestar mais?

— Pedir a-hei de muito boa vontade aos meus beneficores que tu e os meus filhos os teu tãmbão.

— Então fico! exclamou Grato com resoluçãõ; e já o não largo mais!

— Não seas precipitado, pequeno! Pensa bem, e com tempo, em tudo que te expuz e resolve com sincera vontade o que melhor convier a tua vida e aos teus sentimentos, para que não succeda mais tarde arrependeres-te, e me abandones depois de eu commigo me habituar e te ganhar afficção, e assim tornes, como o teu abandonado, a minha velhice ainda mais infortunada do que ja e!

— Não tenho que pensar, teimou o rapaz. Fico com vobocedê, esta dito. E como o dia esta bom e de sol, se o tio Antonio quer sair, eu vou ja na sua companhia!

— Por certo que vou sair, declarou o cego, que eu preciso ir pelas casas dos que me favorecem para arrearçar o que comer.

— Pois então vamos lá!

— Vamos, vamos se assim o queres, concordou o tio Antonio, pondo na cabeça o seu velho chapéu e apunhando a sua rustica bengala. Mas olha lá... pensa! reflecte até ámanhã... até depois, e então decide.

— Já decidi; vamos! concluiu o garoto tomando-lhe a mão e guiando-o para a rua.

E desde esse dia começou Grato a ser o companheiro do cego.

IV

Para não fatigar a attenção do leitor desta verdadeira historia, que considero parabólica pela grande lição que encerra, não me detenho a descrever minuciosamente os meios e os modos empregados pela bondade e sabedoria do tio Antonio para conseguir fazer, ao cabo de tres annos, do garoto vagalundo um rapaz limpo, sadio e relativamente instruido, de modo a fazer o sympathico e estimado das pessoas que ao velho cego favorciam.

Desde que abandonara a malandrice das ruas pela occupação de companheiro do cego, e entrou a alienar-se com mais e com regularidade todos os dias, passando as noites no agasalho, ainda que pobre, da habitacão do seu dedicado companheiro e mestre, Grato fora peidando a maneira inculcanta em que a vagabundagem o mantivera; e obrigado pelo tio Antonio, já por conselhos amigaveis, já pelos bons habitos de que lhe dava exemplo no seu proprio tracto, a tornar-se accorde e em tudo commedido, as suas carnes foram-se reconstruindo de bom sangue, os seus musculos desenvolvendo-se e os seus gestos e maneiras corrigindo-se.

Aos 15 annos era, pois, um rapazote nutrido, corado e até bonito.

Todas as noites lisonjado pelo bom velho, que lhe explicava pacientemente o som e o valor das letras do alfabeto, a ligacão de umas com outras para formar syllabas, e a reunio destas para formar nomes ou palavras, o intelligente pequeno foi pouco a pouco aprendendo a ler e a escrever.

Não menos paciente e zeloso foi o tio Antonio em procurar edificar-lhe os sentimentos e o character por meio de conselhos que amorosamente lhe dava, de historias que lhe referia e de exemplos que lhe citava ou figurava, afim de o fazer comprehender a vantagem de ser bom, verdadeiro e justo.

Mais cuidadoso com elle do que com outro proprio, o generoso mendigo, pella, aquelles dos seus beneficores que tinham filhos da idade do seu companheiro, as roupas usadas que deixavam de parte, e por este meio conseguia trazello sempre bem abastecido de roupa.

Emfim, Grato tornára-se a principal a unica preoccupação do esclarecido espirito e do magnanimo coração do tio Antonio, que se sentia feliz na sua cegueira e intelligencia como o amor que lhe votava e a companhia que elle lhe fazia.

Pela sua parte, o rapaz, suferindo dessa sollicita preoccupação os beneficios que tão bem o nem transformando, mostrava-se reconhecido e tratava affectuosamente o excellente amigo que lhos proporcionava.

Mas...

A má fortuna, sempre empenhada em submitter a duras provas a supertontade espiritual do herico luctador que produzira a indigencia e a cegueira sem todavia conseguir abater-lhe a alma energica e lucida de Fé, de Esperança e de Caridade, vendo-o deslizar assim em tão doce tranquillidade na ultima phase da sua existencia, quiz tentar ainda uma derradeira prova da sua inquebrantavel robustez.

A grande crise economica que afficou todas as classes sociais, tambem se fez sentir ao velho mendigo na progressiva mengua dos recursos que a generosidade dos seus beneficores lhe proporcionava.

E essa mengua cresceu a ponto de ás vezes deixal-o sem um pão para repartir com o seu companheiro!

Para occultar a este o sacrificio que o seu grande amor lhe fazia, houve dias em que exigiu que o deixasse sahir-se, a tapetar o chão que pisava com a sua rustica bengala para melhor commover o coração daquelles a quem estendia a destra; e quando obtinha a moeda com que podesse comprar pão ou outro melhor alimento, voltava contente para o seu pardiheiro e dava-o a comer ao seu amado pequen, enganando-o com a affirmativa de que já tinha o mido, e a deitar-se satisfeito e com fome na sua cama de feiro!

Esta situacão afflictiva, ainda que mal lhe c'nhecesse a extensão, começou a desestorar e a aborrecer o rapaz, diminuindo-lhe seu animo a vontade de participar-lhe por fidelidade ao seu velho amigo e mestre.

Pensou pois, em ceder de si, e cogitava o meio de deixar o cego entregue a sua adversidade.

Uma em tme fraqueza, consequente dos sacrificios que fazia, acabou por prestar o pobre velho a ponto de não poder sahir a rua.

Grato, vendo-o em tal estado, sahiu do pardiheiro dizendo que lá arranjar algum recurso.

Sahiu... e em vão o misero cego esperou a sua volta!

Passou-se o dia... e a noite... e o dia seguinte... e Grato sem apparecer ao afflicto velho, que em uma ancia indisciplinavel o esperava!

A sua afflictão era peor do que a agonia de um moribundo!

Não era a fome que o torturava!

Não a sentia; já não a tinha!

Era a ausencia sem explicação, horrivelmente inquietadora, do seu querido companheiro, que o angustiava!

Que elle lhe apparecesse de repente e lhe dissesse:

— Aqui estou, tio Antonio! Não o abandonei! Estas palavras o alimentariam e o fortaleciam melhor que o mais luto banquetem deste mundo!

E a segunda noite, como a primeira, passou a o cego naquelle crescente e horrida afflictão.

Pela manhã, porém, quando essa afflictão já tocava o grau de um verdadeiro paroxismo, Grato appareceu.

(Continua...)

-x-xx-x-

A VAGA

Ella que vem... Simplez esboço apenas perceptivel no horizonte, agora treme, bamboleia, ondula, como se ebullição interna movesse o seu degrão crystallino.

Preludios do teu amor... Nascendo n'um bosquejo desmaiado, pequenino, manso, de uma forma indizêisa, vacillante e tímido como a longiqua vaga.

Ella que augmenta... Vertiginosamente dobra, desdobra as rendas peroladas, liquidas, e rebrilha ao sol os flocos alviantes como o rebanho de cordeiros brancos que desciam dos montes de Galaad.

E cresce e cresce. Já passa o nivel commun accentuase, espadana, fluctua, e alterosa ergue-se entre tolas a mais bella, a mais poderosa, a mais bravia.

E corre e corre... Abaixa-se submissa, molle, lassa... Encontra um paradeiro, o desanimo quebra-lhe a força. Que importa o obstaculo? Que valem penhascos a rasgarem-lhe os seios? O mar é como a vida, e a vida sem tropeços é destituida de encantos...

De repente guapafufana, sentindo que disso depende o seu destino, recupera o valor, esbate-se, banha o negro penhasco, levanta o dorso herculeo, encrespa a flamea cabelleira e sacudindo a como trophéo plumoso transpôe o escolho que a fazia vacillar.

Adianta-se valerosa... Brita, espedaça o que se lhe oppõe, attrac e fascina.

Vem a mim, fulgurante! vem a mim querida!

Chega-se mais e mais Debruça-se e rola. Resda a meus ouvids n'um embate forussimo a celeuma da chegada como um hymno de victoria.

Esprata-se, sobe, beija-me. Tenho frio, cruos os braços e adevinho que o seu recuar deve ser terrivel. E não posso fugir, que essa carcia gelando-me o sangue, estatifica-me de susto.

Ella que volta! Arrasta-me, envolve-me, e n'um soffrimento delicioso, sinto-me morrer aspirada, premda, nesses braços immensos como o teu amor, esmagadores com os mais duros ciumes, fortes como os indissoluveis laços que prendem á tua a minha alma infinitamente apaixonada.

V. DE LARA.

MOLDES



Temos a satisfacão de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos como o nosso servico de moldes tanto d'El Estadio, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica. Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse servico, contando-o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas inestras ou assumpto, no qual não temem confronto. Nunca recebemos reclamações contra o servico da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar l'hoes de apuro e bom gosto, nem na multiplicidade de nossos preços.

Table with 2 columns: Item description and Price. Includes items like 'Saia', 'Jaqueta', 'Bolo', etc.

Os recibos são recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importância que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguem.